

DON MARTÍN GARCIA MEROU: REPERCUSSÕES DE UM ESCRITOR ARGENTINO NA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

Luiz Roberto Velloso Cairo*

Ao desenvolver um projeto de pesquisa sobre a obra crítica de Araripe Júnior, que resultou na tese de doutorado, *O salto por cima da própria sombra. O discurso crítico de Araripe Júnior: uma leitura*, encontrei no conjunto da obra do crítico alguns textos contendo reflexões sobre a cultura e a literatura latino-americanas.

Isto me deixou curioso, pois o momento em que Araripe Júnior exercia a sua atividade crítica é ainda muito marcado, na literatura brasileira, pela busca da identidade nacional. Busca esta que, por um lado, nos aproxima das demais literaturas latino-americanas, por constituir uma questão comum a todas elas, e, por outro lado, nos afasta tanto pelo fato de ser um instante marcado pelo empenho da invenção da literatura brasileira que nos levou a um ensimesmamento, quanto pelo fato de nos expressarmos em língua portuguesa.

Aliás, o próprio Araripe Júnior, constatando o isolamento entre as nações latino-americanas, chegou a dizer:

"Ocupadas as nações sul-americanas com a sua vida interna, até bem pouco tempo não podiam cultivar o espírito no sentido restrito da palavra; e desta maneira forçoso era que todas as suas energias se empregassem em vencer as dificuldades diuturnamente oferecidas pela natureza, primeiro aos conquistadores do

* Prof.do Depto. de literatura da FCL da UNESP — Campus de Assis.

país, depois aos seus descendentes, quando quiseram constituir-se como nações autônomas." (1)

E, mais adiante, com muita lucidez, referindo-se à posição do Brasil em relação às nações latino-americanas, acrescentou:

"Até poucos anos a nossa luta literária regia-se pelo pensamento de insurreição contra os próceres da literatura portuguesa. Queríamos ser originais; e o único meio que se nos afigurava conducente a esse resultado era repelir a imitação dos autores pertencentes àquela nacionalidade. Hoje, com as tendências de integração americana, surge um outro movimento de ordem moral, e portanto de ordem literária, que anuncia uma fase estranha de progresso e uma grande mudança de hábitos mentais na América do Sul. Esse movimento, que se acentua agora por uma viva curiosidade de país a país, relativamente à fisionomia de cada um e às idiossincrasias de seus escritores, não pode deixar de gerar uma enorme e benéfica emulação, bem como uma maior confiança nos produtos indígenas, — confiança resultante da comparação." (2)

Durante a pesquisa a que me referi, lembro-me de ter encontrado textos como "Os Raros", onde o crítico resenha o livro *Los Raros*, de Ruben Darío, "O tirano Rosas", "Dois Romances", onde são resenhados *La Raza de Cain*, de Carlos Reyles, e *Girândola de Amores*, de Alufio de Azevedo, porém, os que mais marcaram foram os dedicados ao escritor argentino Martín García Merou, talvez por serem textos de um crítico falando sobre outro crítico.

A seu respeito, Araripe Júnior escreveu, em 1895, um ensaio, publicado em livro, sob o título "Don Martín García Merou (Perfil Literário)", que, anteriormente, saíra em forma de onze artigos, em *A Semana*, nos meses de março, abril e maio de 1895, e um artigo intitulado "o Brasil Intelectual", publicado na *Gazeta de Notícias*, de 13 de novembro de 1900. Este último é uma resenha do livro *El Brasil Intelectual. Impresiones y notas literarias*, de Martín García Merou, publicado em Buenos Aires neste mesmo ano.

Movido pela curiosidade, saí à procura do mesmo e acabei localizando-o no acervo da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

Ao tomar conhecimento deste material que, por motivos diversos, não utilizei na pesquisa então desenvolvida, constatei que tinha

1 — ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. O Brasil Intelectual. IN: *Obra crítica de Araripe Júnior*. Dir. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1963, v.III, p. 498.

2 — Idem, *ibidem*, p. 499.

em mãos um interessante e raro diálogo que se estabeleceu, em fins do Século XIX e início do Século XX, entre esses dois intelectuais.

Foi pensando em divulgar esta informação para os estudiosos das relações culturais entre o Brasil e a América Hispânica que resolvi escrever este texto.

Antes de qualquer consideração a respeito dos textos dos dois críticos, vale dizer que, apesar de o brasileiro ter nascido em 1848 e o argentino em 1862, ambos tiveram uma formação teórica semelhante, ou seja, formaram-se através da leitura dos românticos e, em seguida, vivenciaram as idéias cientificistas que marcaram a geração crítica do final do Século XIX. Leram, portanto, Sainte-Beuve, Taine, Buckle, Zola, Flaubert, tendo, por isto mesmo, uma certa dificuldade para a compreensão da literatura simbolista, o que os levou na maioria das vezes a rejeitá-la.

O que eles entendiam por crítica literária diferia muito de como hoje a enxergamos. Não se tratava de uma crítica que levasse em conta os fatores internos e externos da obra literária, mas uma crítica marcada, principalmente, por três aspectos, conforme viu, com bastante clareza, Antonio Candido, ao analisar o método crítico de Sílvio Romero:

"(...) erudição, que fornece os dados; análise, que os interpreta e avalia; síntese, que mostra as leis de sua evolução." (3)

Analisar uma obra para a crítica do Século XIX, diria ainda com Antonio Candido, consistia em um conjunto de procedimentos que envolviam:

"1) citação de trecho, que, pelo próprio critério da escolha, deveria tornar patente o que era o escritor estudado, conforme o ponto de vista do crítico; 2) resumo do enredo ou apresentação do assunto em suas diversas partes, o que pela tradição era a análise propriamente dita; 3) juízo de valor, em função de algum princípio geral, que podia ser a impressão de realidade, a beleza, a força, etc." (4)

Estes procedimentos marcaram a crítica do Século XIX.

O ensaio "Dom Martín García Merou" é um perfil literário, ou seja, uma biografia literária do escritor argentino, publicado em 1895, por Araripe Júnior.

3 - ANTONIO CANDIDO. Introdução. In: *Sílvio Romero. Teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro, LTC/Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, EDUSP, 1978. p. XXVI.

4 - Idem, *ibidem*, p. XXVI e XXVII.

O ensaio, compõe-se de uma Introdução e sete capítulos.

Na Introdução, Araripe Júnior lamenta o pouco conhecimento que se tem da literatura platina no Brasil e deixa índices de que este texto aponta para a possibilidade de renovação de leituras e de contato com os novos escritores de Córdoba, Buenos Aires e Montevideu.

Fiel ao princípio de que, para o estudo aprofundado da obra, era necessário o conhecimento biográfico do autor, faz uma interessante advertência ao leitor:

"Escrevendo sobre o autor do 'Ensaio sobre Echeverría', eu desejava ser tão completo quanto me permitem as minhas forças. Isto, porém, não pode ser porque não conheço intimamente a biografia do criticado, mas também porque, para analisá-lo, seria indispensável que eu me informasse completamente do meio que o formou.

Oportunamente me ocuparei disto, porque no plano dos meus estudos de literatura pátria entra como elemento muito importante a comparação das literaturas coloniais.

Os artigos, portanto, que vão seguir representam apenas a impressão que causou a leitura das obras de um dos mais cultivos espíritos da Confederação Argentina." (5)

Desta advertência se depreendem alguns traços característicos do método crítico de Araripe Júnior: a ênfase no fator meio para a interpretação das obras literárias e principalmente para a compreensão da literatura colonial, e a prática do estudo comparativo.

Além disso, justifica para o leitor uma leitura alicerçada na impressão que lhe foi provocada pela obra, o que não significa uma leitura meramente impressionista, pois, no desenvolvimento do ensaio, verifica-se um trabalho em cima desta impressão. E aqui vale lembrar que, na crítica de Araripe Júnior, há a impressão, mas há também a análise e o julgamento, constituintes do procedimento científico.

O capítulo I começa com um preâmbulo onde o crítico cearense lembra um encontro casual com Martín García Merou, na redação de *A Semana*, provavelmente, na década de 80, quando o argentino por aqui passou.

Neste mesmo trecho, Araripe Júnior faz uma comparação curiosa entre o caráter do brasileiro e o caráter dos indivíduos da raça platina:

"Nós brasileiros somos de ordinário MAZOMBOS. Fazemos mui triste figura no meio do ruído gaulês ou da vivaci-

5 — ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Don Martín García Merou. In: *Op. cit.*, p. 24.

dade dos companheiros da raça que produziu Cervantes. O nosso espírito nem sempre é alígero; e conforme o tempero, que as diversas raças puseram no indivíduo, mostramo-nos na conversação, ou refletidos demais, senão pesados, ou inconvenientemente audazes, ou então desaforados no gracejo. Essa volubilidade ponderada, que se encontra em certos tipos transoceânicos cultivados, é difícil encontrar num brasileiro. Raro é o nacional, que, tendo espírito, não dá para *frondeur*. O salão torna o brasileiro imediatamente triste e insuportável. Outro tanto já se não observa nos tipos correspondentes da raça platina. As suas formas exteriores são mais agradáveis. Eles penetram na fantasia dos *boudoirs*, nos comícios públicos e nos salões com mais 'savoir vivre'; e a sua alegria, talvez menos discreta sabe dirigir-se, dividir-se, insinuar-se melhor do que a nossa." (6)

Em seguida, define a personalidade do escritor argentino a partir das impressões que este lhe causara no eventual encontro:

"A demora do hóspede foi pequena; mas no ligeiro tiro-teio que de ordinário se trava nessas ocasiões entre camaradas literários, não foi difícil surpreender o folhetinista dos 22 anos no crítico de ECHEVERRÍA aos 33. Abundância de expressões, vivacidade de transporte, desejo insóbrio de voar por cima de todos os assuntos, mobilidade de sensações, às vezes alguma demasia de franqueza, assim como uma espécie de entusiasmo levado ao estado crônico; enfim — uma natureza de clássico peninsular SALERADA pela crença no elance de sua nação; eis o que de uma olhada me pareceu o autor dos *Perfiles y miniaturas*." (7)

Este encontro foi fundamental para que Araripe Júnior viesse a se interessar pela leitura da obra de Martín García Merou e, posteriormente, escrever sobre a mesma.

Nos sete capítulos que compõem o ensaio, faz um estudo da obra do escritor argentino, seguindo a sua evolução cronológica e, relacionando aspectos biográficos com a sua produção literária, analisa os seguintes livros: *Estudios Literarios*, *Libros y autores*, *Impresiones*, *Ley social* (romance), *Ensayo sobre Echeverria*, *Perfiles y miniaturas*, *Ensayo sobre Juan Bautista Alberdi*, *Poesias e Cuadros épicos*.

Martín García Merou não foi, desde o início, um escritor naturalista, como aconteceu no romance, de influência zolaica, *Ley social*. Nas primeiras obras, *Estudios Literarios*, *Libros y autores*, de acordo com o crítico brasileiro, há uma forte influência dos escritores românticos: Byron, Musset e Heine.

6 — Idem, *ibidem*, p. 24.

7 — Idem, *ibidem*, p. 24.

No livro *Impresiones*, faz um comentário a respeito da passagem do argentino pelo Brasil que merece ser transcrito:

"A baía de Guanabara deslumbrou-o; mas as ruas da cidade do Rio de Janeiro encheram-no de tristeza. Pela primeira vez, D. Martín via 'em toda sua nudez e miséria o tipo negro, do antigo escravo de um senhor implacável, e do escravo atual da miséria e da decadência da raça'. Pacificaram-no porém, os contrastes dos amenos sítios da Tijuca, de Santa Tereza e do Botafogo." (8)

Impresiones é importante, segundo Araripe Júnior, pela descrição dos primeiros passos do crítico fora da Argentina. Nele é narrada a sua passagem por Lisboa, Madri, Paris e por países latino-americanos: Brasil, Equador, Venezuela, Colômbia. Em 1881, o escritor argentino foi nomeado 2º secretário da legação argentina na Venezuela e na Colômbia e, em 1883, foi transferido como 1º secretário para a legação de Madri.

Em 1885, Martín García Merou retorna a Buenos Aires e, coincidentemente, pela leitura do crítico brasileiro: "A linha de conduta, pois, de D. Martín estava terminada: estilista e crítico." (9)

Em 1889, lança *Perfiles y miniaturas*, coletânea de textos que haviam sido publicados em diferentes periódicos, de épocas diversas.

Em relação a este livro, Araripe Júnior faz um registro curioso em nota de pé-de-página a respeito da leitura que o Imperador D. Pedro II fez do mesmo:

"O livro *Perfiles y miniaturas* foi lido pelo falecido D. Pedro II, em agosto de 1891, em Vichy, segundo vejo de uma carta literária do Barão de Alencar, publicada em Buenos Aires. Desse curioso 'compte rendu' escrito pelo ilustre poeta, que em matéria de gosto nada deixa ao diplomata verifica-se que D. Pedro, comentando as 'baladillas' em prosa de D. Martín, não foi infeliz nos seus juízos 'tributando ao literato platino aplauso pela riqueza de expressão' e notando até 'abuso de forma'." (10)

O *Ensayo critico sobre Juan Bautista Alberdi* e o *Ensayo sobre Echeverría* são dois perfis literários. Alberdi é visto por Araripe Júnior como "um dos tipos mais completos de homem de letras e político que

8 - Idem, *ibidem*, p. 30.

9 - Idem, *ibidem*, p. 37.

10 - Idem, *ibidem*, p. 42.

já viveu nas regiões do Prata", e faz a seguinte observação sobre a metodologia adotada pelo crítico argentino:

"Como se vê, D. Martín não adotou nessa obra o processo somático, isto é, não buscou estudar o homem por categorias, diluindo a vida, aos pedaços, em capítulos dispostos por ordem de filiação, como ordinariamente fazia o autor da *História da Literatura Inglesa*. Preferiu o processo biográfico, sem contudo perder de vista as características do espírito do biografado, e desenvolveu-as, a proporção que estas surgiram na vida do homem com maior ou menor preponderância. Este sistema tem a vantagem de compreender melhor o objeto da crítica, porque o representa em movimento, vivo, cheio de luz, e na flutuação inevitável da natureza intangível." (11)

Para Araripe Júnior, o *Ensayo sobre Echeverría* leva Martín García Merou a apurar as suas qualidades de crítico:

"O *Ensayo sobre Echeverría* não tem valor unicamente de um trabalho de ressurreição; além da luz projetada sobre a alma patriótica do poeta, há nesse livro um estudo das tradições da poesia em sua terra." (12)

Fazendo considerações, ainda a respeito deste ensaio, Araripe Júnior, levado por comentários de Martín García Merou sobre os modelos literários do Século XVIII e as primeiras manifestações literárias no Rio da Prata, faz uma comparação com o que se fazia no Brasil, chegando à conclusão de que:

"Não se encontram no Prata poemas como o *Caramuru* de Santa Rita Durão, ou o *Uruguai* de Basílio da Gama, nem uma plêiade de poetas iguais aos da Inconfidência — Gonzaga, o incomparável DIRCEU, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga e outros." (13)

Por outro lado, constata que, em relação ao Século XIX, o Rio da Prata vingou-se de "seu tardio crescimento beletrístico":

"Com o advento de Rivadavia o surto poético e literário foi considerável e permitiu que os povos do Prata nos precedessem na renovação estética, de sorte que, quando os brasileiros ainda afinavam a lira pelo diapasão de Bocage e Filinto Elísio, eles preparavam o espírito público para receber em 1830 um Echeverría, um discípulo de Byron, que só em 1850 teve seu

11 — Idem, *ibidem*, p. 47.

12 — Idem, *ibidem*, p. 59-60.

13 — Idem, *ibidem*, p. 60.

símile no Brasil por órgão do malogrado Álvares de Azevedo." (14)

Conclui o perfil literário de Martín García Merou, comentando *Poesía e Cuadros épicos*, seu poemas mais recentes, e constata que a dimensão do crítico é maior que a do poeta:

"Vimos que os dotes de D. Martín como crítico em grande parte foram postos em relevo por seu estilo imaginoso; e a beleza de sua prosa nasceu do culto que no desabrochar da vida dedicou à poesia. De ordinário, porém, o crítico acaba por descoroçar o poeta." (15)

Em 1900, Martín García Merou publica, em Buenos Aires, um livro de 469 páginas, intitulado *El Brasil Intellectual* (16), onde é traçado um panorama da cultura brasileira.

Neste livro, dedica grande parte dos capítulos a escritores como Sílvia Romero, José Veríssimo, Tobias Barreto, Araripe Júnior, Tainay, Assis Brasil, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa; um capítulo a Gonçalves Dias, Alberto de Oliveira, João Ribeiro (poeta) e Fontoura Xavier; e outro ao jornalismo. (17)

As omissões "óbvias e clamorosas", no parecer de Wilson Martins, são explicadas por Martín García Merou:

"Machado de Assis, como Coelho Neto, Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, Rodrigo Otávio, Afonso Celso, Raul Pompéia, Isidoro Martins Júnior, V. Magalhães, etc, etc, reclamam um estudo detido que não me é possível empreender neste livro sem exorbitar dos limites que me impus. A crítica desses autores será matéria de uma nova obra que completará a presente e cujos lineamentos gerais já tracei no papel." (18)

Ao comentar este livro, num artigo intitulado "O Brasil Intellectual", publicado em 13 de novembro de 1900, na *Gazeta de Notícias*, numa seção denominada "O Pão do Espírito", Araripe Júnior o definiu da seguinte maneira:

"Não é o livro de Martín García Merou, rigorosamente falando, um trabalho de crítica, nem mesmo uma exposição exaustiva do estado das ciências, letras e artes no Brasil. Como

14 - Idem, *ibidem*, p. 60.

15 - Idem, *ibidem*, p. 60.

16 - MEROU, Martín García. *El Brasil Intellectual: impresiones y notas literarias*. Buenos Ayres, Felix Lajouane, 1900.

17 - Apud Wilson Martins. *A Crítica Literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v. I, p. 342.

18 - Idem, *ibidem*, p. 342.

o próprio autor se encarregou de declarar, ele não pretendeu dar a esse seu trabalho outro caráter que não fosse o de ligeiras impressões, em que ficassem consignados os traços fundamentais da intelectualidade brasileira, 'desenhando as figuras mais salientes de um grupo seletivo de seus publicistas'.

De fato, o âmbito das suas perseguições foi limitadíssimo, cingindo-se o autor quase rigorosamente ao estudo dos críticos e sociologistas ou publicistas, oito ou dez figuras, estudo este que ocupa três quartas partes do livro, ao passo que nas páginas restantes acumulam-se notícias, às vezes indicações fugitivas sobre os demais autores, compreendidos nesse elenco os jornalistas, poetas e romancistas, que mais nomeada adquiriram nos últimos tempos." (19)

Conforme se depreende, há no livro de Martín García Merou informações valiosas a respeito da recepção das obras da intelectualidade brasileira do Século XIX, na Argentina, porém, no momento, o que me interessa é o diálogo que se estabeleceu entre Araripe Júnior e o crítico argentino. Isto me levou a um recorte de apenas seis capítulos do livro. Neles é feito um perfil literário do crítico e ficcionista Araripe Júnior.

Inicialmente, Martín García Merou situa Araripe Júnior no contexto da crítica literária brasileira, confrontando-o com Sílvio Romero e José Veríssimo.

"Con Sílvio Romero y José Veríssimo, él ha emprendido la obra interesante y difícil de EXPLICAR el espíritu brasileiro á sus contemporáneos y en algunos de sus libros ha llegado á resultados notables de penetración y clarividencia. Pero, menos ecléctico que sus compañeros, menos abierto á las influencias exteriores, su originalidad reside principalmente en su apego al terruño nativo, en su adaptación perfecta al medio en que vive, en una palabra, al NATIVISMO literario que se confunde en él con el nativismo político. El carácter intransigente de la pasión patriótica es el distintivo del hombre y del escritor; tal vez por eso él interpreta con más verdad en su estilo y en sus ideas los rasgos característicos de la modalidad brasileira." (20)

Sua análise começa com o exame dos textos ficcionais, registrando os *Contos Brasileiros* (1868) como a obra inicial, detendo-se em dois romances: *O Ninho do Beija-Flor*, de 1874, e *O Reino Encantado*, de 1878. Na análise do primeiro romance, atesta a mediocridade do ficcionista, mas atenua o discurso por se tratar de uma obra de estreante. Em relação ao segundo, vê um "visível progresso" no modo de narrar, principalmente na primeira parte do romance.

19 — ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. O Brasil Intelectual. In: *Op. cit.*, p. 500.

20 — MEROU, Martín García. *Op. cit.*, p. 207-8.

Nos cinco capítulos seguintes, analisa a obra crítica de Araripe Júnior, focalizando os ensaios "José de Alencar", "Gregório de Matos", "Movimento Literário do Ano de 1893", "O Crepúsculo dos Povos", "Dirceu" e "Anchieta".

Para descrever o método do crítico cearense dá a palavra a Araripe Júnior que na "Introdução" ao perfil literário de José de Alencar explicita sua metodologia marcada pela presença de Spencer, Buckle e Taine.

Elogia o ensaio sobre Alencar, mas admite que para ser completo:

"Falta la tonalidad cálida del pincel que mezcla sin temor los colores de la paleta, falta el relieve que da la sombra bien distribuída, falta em suma ese golpe atrevido del artista que confía en los hallazgos de sua audacia, ese 'coup de pouce' irresistible que en la esfera de la escultura es lo unico que hace que una 'terra cotta' industrial, armoniosa y tranquila, se diferencie de um boceto de Carpeaux ó de Falguière." (21)

E logo sai em defesa do crítico:

"La obra crítica de Araripe Júnior es una obra de arte verdadera, y tiene un valor real, á pesar de las exigencias de su método exclusivista. Lo que se echa de menos en ella es lo que para su autor sería más fácil añadirle, si al escribir como lo hace no se sometiera de antemano á un programa inflexible. Y es necesario agregar que esa misma disciplina de sobriedad, de analisis frío, de observación positiva y científica, ha sido quebrantada más de una vez por el distinguido autor en sus últimas publicaciones, en el notable estudio sobre Gregorio de Mattos, que es un modelo del género, en el *Movimiento de 1893* y especialmente en la fantasía desenvuelta y brillante *O crepusculo dos povos*." (22)

Analizando o ensaio sobre Gregório de Matos, diz:

"La biografía de Gregorio de Mattos es el trabajo literario, más completo que haya sido escrito en Sud-América, á proposito de un poeta de la vida colonial." (23)

Sobre Dirceu, perfil literário de Tomás Antonio Gonzaga, observa:

"El perfil literario de Dirceu, trazado por Araripe Júnior en una forma concisa, pone de relieve todos los rasgos distin-

21 - Idem, *ibidem*, p. 216.

22 - Idem, *ibidem*, p. 216-7.

23 - Idem, *ibidem*, p. 230.

tivos de la fisionomía ingenua y simpática de esta víctima del culteranismo anacreóntico." (24)

No ensaio sobre Anchieta, acentua o paralelo feito por Araripe Júnior entre o jesuíta e Gregório de Matos:

"Según Araripe Júnior, el parte sarcástico y el propagandista evangélico, á la distancia de un siglo, están vinculados por un eslabón estrecho, no obstante la diversidad de naturalezas." (25)

O *Movimento Literário do Ano de 1893* é visto como:

"El objeto de esta obra es dar una rápida idea del movimiento literário brasileiro durante el año 1893 y el tema es por sí tan interesante que valdría la pena consagrarle una atención mayor que la permite el tono de estas páginas. Aquel año fué crítico para la política brasileira, y el distinguido escritor empieza por extrañar que la literatura no refleje las agitaciones de aquellos días revolucionarios. La razón de este hecho se encuentra para mí en el carácter de la lucha de que era teatro el Brasil. Las contiendas entre hermanos, por grande que sea el móvil con que quiera disfrazárselas, no son propias para exaltar el espíritu, como sucede con las luchas nacionales, que irritan y hacen vibrar todas las fibras del patriotismo." (26)

Ainda sobre este ensaio, vale ressaltar a dificuldade que o crítico argentino tem de ler e compreender a poesia simbolista. Isto é evidente quando vai comentar a leitura que Araripe Júnior faz do poeta Cruz e Sousa.

"Ocupandose de Cruz e Souza, Araripe Júnior, en una interesante digresón, trata de explicar el origen, el programa, y las tendencias del movimiento 'decadente', que tantos estragos está haciendo en la juventud sud-americana. Confieso que su explicación no me ha ilustrado mucho respecto al verdadero carácter y propositos de ese cisma literario. Pero no culpo por esto al distinguido crítico, y debo atribuir más bien este fracaso á mi impermeabilidad para ciertas ideas, ó tal vez á las dificultades de explicar lo inexplicable. Por otra parte, el movimiento decadente no me inspira ni curiosidad ni simpatía. Lector infatigable en mi adolescencia de los romanticos franceses, devorador de bibliotecas literarias enteras, como me jacto de haber sido, es lo cierto que no he llegado á leer á ninguno de los simbolistas u

24 — Idem, *ibidem*, p. 243.

25 — Idem, *ibidem*, p. 246.

26 — Idem, *ibidem*, p. 249-50.

delicuescentes contemporâneos, que los conozco de oídas y sobre todo por el juicio de Lemaitre sobre Verlaine y por alguno que otro artículo de Ruben Darío — un escritor de verdadero talento literario — á quien su 'ecuación personal' basta para distinguirlo y darle un puesto aparte entre los insulsos imitadores de las extravagancias de los nefelibatas." (27)

Aqui convém dizer que Araripe Júnior foi um dos poucos críticos naturalistas brasileiros a ler e procurar entender a proposta simbolista.

Com a incompreensão do projeto simbolista, em particular de Cruz e Souza, ele encerra a leitura da obra crítica de Araripe Júnior.

Por ocasião do lançamento do livro *El Brasil Intellectual*, Araripe Júnior fez uma resenha que foi publicada na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro.

O livro é visto por ele como "uma importante contribuição para que no estrangeiro, principalmente nas repúblicas espanholas se comece a conhecer a alma brasileira." (28)

E referindo-se à costumeira falta de informação dos críticos estrangeiros em relação ao que se faz no Brasil, acrescenta:

"Desta vez, felizmente, o crítico não faltou, como tem sucedido a outros, sem saber do que falava, nem deu cincadas iguais a de certo escritor europeu, que confundiu Goiás e Mato Grosso com romancistas e poetas nacionais." (29)

O texto de Araripe Júnior procura ressaltar a importância do livro de Martín García Merou como uma importante e necessária tentativa de aproximar as nações sul-americanas, uma vez que estas estiveram por muito tempo voltadas para os próprios problemas numa busca obsessiva de suas identidades.

Concluindo define o crítico argentino como "um escritor de raça: e nos seus livros encontra-se sempre essa qualidade que faz o encanto dos livros franceses — a clareza das idéias junta ao correntio de uma frase familiar e ao mesmo tempo elegante." (30)

A existência desses textos de Araripe Júnior, bem como de outros textos de José Veríssimo e Sílvio Romero a respeito de Martín García Merou, mostra que a sua obra teve repercussões no meio intelectual brasileiro do final do Século XIX e início do Século XX.

27 — Idem, *ibidem*, p. 255-6.

28 — ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Op. cit.*, p. 500.

29 — Idem, *ibidem*, p. 500.

30 — Idem, *ibidem*, p. 502.